

ONU: Brasil só voltará a crescer no ano que vem

RONMALD FUCS

Alguns países da América Latina terão este ano desempenho econômico superior ao de 1989, mas a queda de produção no Brasil será tão acentuada que a região, em média, terá retração das atividades em relação ao ano passado. Esta é uma das previsões do "World Economic Survey" ("Panorama Econômico Mundial") do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais Internacionais da ONU, estudo que será divulgado na próxima semana, e que, além de um diagnóstico do desempenho no ano passado, faz projeções para este ano.

A situação da América Latina foi má em 1989 e não deve melhorar em 1990, de acordo com o "Survey". A ameaça da hiperinflação, que no ano passado esteve presente em vários países da região, não deverá ser afastada este ano. Os programas de estabilização econômica terão um pesado custo, e seus resultados são incertos — ainda que o estudo preveja para o ano que vem, no Brasil, uma recuperação do crescimento econômico.

O grande obstáculo ao desenvolvimento do Terceiro Mundo continua sendo a dívida externa: em função de suas obrigações para com os credores, as nações latino-americanas foram forçadas a fazer, no ano passado, uma transferência líquida de US\$

28 bilhões para o exterior — US\$ 6 bilhões a mais do que em 1988. São US\$ 28 bilhões em poupança interna, observa o estudo, que deixaram de ficar disponíveis para investimentos.

O Plano Brady, pelo qual os bancos credores admitiram uma redução da dívida externa, em troca de garantias de pagamento do restante, não está tendo sucesso, diz o estudo. Mesmo o México, cujo débito foi cortado após prolongadas negociações, teve um alívio financeiro quase insignificante — e continua sem dispor de crédito no mercado financeiro internacional. Igualmente, a situação dos outros dois países beneficiados pelo plano, Costa Rica e Filipinas, também não teve uma melhoria significativa. O "World Survey" adverte que a alternativa a um novo entendimento sobre a dívida, entre governos devedores e credores, é a inadimplência ou, possivelmente, conturbações políticas.

A economia mundial, que cresceu 3,1% em 1989 (depois dos 4,4% de 1988), não deverá se expandir mais que 2,2%, este ano, mas o estudo prevê recuperação (para 3%) em 1991. Já os países em desenvolvimento, em conjunto, devem crescer 3,1% em 1990, prosseguindo no declínio registrado no ano passado, quando a taxa passou de 4,5%, em 1988, para 3,4%. No próximo ano, contudo, o percentual retornará aos 4,5%, pelas

projeções do estudo.

Desempenho bem mais satisfatório terão os países do Sudeste da Ásia, ainda que mais fraco que nos anos anteriores: 5,6% em 1990 (contra 8,2% em 1988 e 6,2% em 1989). Ironicamente, os quatro "tigres" asiáticos — Hong Kong, Coréia, Cingapura e Taiwan — também transferiram em 1989 uma enorme soma para o exterior: nada menos de US\$ 16 bilhões. Mas, como observa o estudo da ONU, nesse caso o dinheiro foi para o estrangeiro como investimento, e não como pagamento de dívidas: simplesmente, o rápido crescimento econômico e a alta taxa de poupança interna criaram mais recursos financeiros do que as economias destes quatro países seriam capazes de absorver.

De acordo com o "World Survey", as mulheres continuam a ganhar menos que os homens em funções semelhantes, embora a situação esteja melhorando. E é nos países em desenvolvimento que a discriminação é mais acentuada: nessas nações, elas constituem a imensa maioria dos que trabalham sem remuneração, com freqüência na agricultura. E os governos do Terceiro Mundo, conclui o estudo da ONU, continuam a adotar políticas de acordo com as necessidades dos homens e a buscar formas de lhes proporcionar emprego, pois consideram que são eles, basicamente, que sustentam as famílias.